

# humanitas

Vol. LIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



Virgínia Soares PEREIRA, *Aegidius Scallabitanus de André de Resende: um diálogo sobre Frei Gil de Santarém. Estudo Introdutório, edição crítica, tradução e notas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000

Depois da *Carta a Bartolomeu de Quevedo, de André de Resende* (Introdução, texto latino, versão e notas de Virgínia Soares Pereira, Coimbra, 1988), a autora apresenta-nos agora outra obra esquecida de um dos mais importantes humanistas portugueses, na qual o autor eborense conservou sempre uma secreta estima, a ponto de o recomendar de modo particular entre os bens do seu testamento.

O *Aegidius Scallabitanus* de André de Resende foi finalmente objecto de uma digna edição e de tradução moderna. Devo porém advertir o leitor de um pormenor técnico lamentável que o pode induzir em erro: o título da capa e da primeira folha interior omitiu o nome do humanista. Erro de impressão? A indicação do autor quincentista limitou-se ao cabeçalho da folha de rosto propriamente dita, o que no futuro pode apenas levantar alguns problemas de catalogação bibliográfica.

Ultrapassada porém essa questão, que a própria autora certamente lamentará mas que afinal em nada diminui o mérito científico da obra em causa, há que reconhecer principalmente a substancial originalidade e ousadia de um trabalho que resgatou do esquecimento mais uma obra do nosso humanismo quincentista.

Quanto ao conteúdo do texto humanístico propriamente dito, tratar-se-ia aparentemente de uma narrativa hagiográfica inócua, sobre a vida e feitos do dominicano Frei Gil de Santarém. Para esta hagiografia porém, André de Resende escolheu um tipo de discurso único no conjunto da sua produção: o discurso dialógico, de modelo ciceroniano, aberto portanto a outras vozes. Um texto de configuração medieval (a *Vita* de S. Frei Gil) era assim pretexto para um diálogo humanístico, em que interviam três amigos de elevada formação cultural — André de Resende, Luís Pires e Inácio de Moraes — abrindo ocasião a excursos de conteúdo religioso mas também histórico e filológico.

E embora nesta época (meados do séc. XVI) a situação do diálogo literário como género aberto à crítica e à discussão de ideias já tivesse sofrido alterações significativas — tendo-se atenuado a anterior tendência para a livre polémica religiosa — André de Resende evidencia uma forte intenção parenética e didáctica, além de uma grande liberdade literária para introduzir digressões à narrativa. São, na verdade, postos em debate temas de natureza literária e filológica (como a questão do ciceronianismo), mas também temas de controvérsia religiosa (a justificação e a graça, o culto dos santos), bem como temas de interesse histórico e eclesiástico (como a definição do *Corpus Areopagiticum* e a identificação do respectivo autor, ou a extinção dos Templários). São as digressões humanísticas do texto que obrigam André de Resende a tomar posição sobre questões polémicas, inclusivamente sobre certas posições de Erasmo, seu amigo e correspondente, por quem o humanista exprimira já grande admiração.

É por todas estas razões que, segundo Virgínia Soares Pereira, no *Aegidius* encontramos um André de Resende “plurifacetado, filólogo, cultor de grego, historia-

dor, arqueólogo, pregador, compositor de hinos religiosos, hagiógrafo, teólogo, poeta, devoto e irónico, ousado e prudente, erasmiano moderado, ciceroniano sem exageros.” (p. 29).

Não é porém apenas nesse aspecto, já conhecido aliás das outras obras do humanista, que reside o maior interesse e originalidade do livro que agora se apresenta.

O *Aegidius Scallabitanus* de André de Resende foi um texto que o autor quis preservar deliberadamente da crítica, por reacar de certo o acolhimento que lhe dariam. A obra só foi publicada postumamente (em Paris, em 1586, conheceu duas edições), e sempre fora do nosso país, o que explica a escassa circulação que ela conheceu entre nós. Quinhentos anos de esquecimento do texto de um autor que tanto amou a sua pátria, só pode tornar maior o interesse por este livro, nascido da dissertação de doutoramento em Literatura Latina apresentada pela autora à Universidade do Minho, sob a sábia orientação do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho.

Além disso, muitas das reflexões críticas em matéria teológica, histórica e eclesiástica são passos únicos em toda a obra do humanista, o que faz deste livro um texto imprescindível para o conhecimento do pensamento de André de Resende e do próprio erasmismo em Portugal.

Recorde-se ainda que tais excursos de aceso debate só foram preservados nas edições quincentistas da obra. Com efeito, a tradição manuscrita, de fins essencialmente piedosos, que circulou entre os dominicanos em Portugal, expurgou o texto dos diálogos e das digressões, e reduziu-o à biografia do santo.

A edição de Virgínia Soares Pereira tem pois a vantagem de atentar no valor de cada testemunho do texto, caso a caso, de recuperar a versão integral do diálogo e de eliminar aquilo que a autora considerou pequenas interpolações de ordem piedosa, denunciadas, entre outras razões, pela falta de qualidade do latim, e destinadas a frades menos cultos (nas pp. 369 e 379, por exemplo).

De resto, como escreve a autora (p. 31), “a obra vem confirmar, com absoluta nitidez, três linhas de força da personalidade e da actividade intelectual do autor: o acendrado amor à pátria, o apreço (reservado) pelas ideias de Erasmo, o gosto apurado pelas *elegantiae* da língua latina.”

Feita esta breve introdução ao conteúdo da obra de André de Resende (pp. 277-607) apresentemos agora a estrutura da obra de Virgínia Soares Pereira.

O texto é precedido de um estudo aprofundado, que o situa no conjunto da produção do humanista eborense, e além disso nos dá conta das inúmeras vicissitudes sofridas ao longo da história, até à sua forma actual. Estamos portanto não apenas no domínio da exegese histórico-literária mas também no domínio da mais pura crítica textual e num caso em que os inúmeros problemas levantados pelo texto se revestem de extremo interesse histórico, científico e literário.

Um estudo profundo das relações genealógicas dos diversos testemunhos existentes permitiu à autora o estabelecimento rigoroso de um *stemma* de estrutura bipartida, sem que no entanto o resultado final daquela árdua investigação tenha ficado encerrado em páginas de linguagem hermética, só inteligível a especialistas. A densi-

dade do estudo de Virgínia Soares Pezeira é na verdade sempre proporcional à clareza da exposição, quer em momentos mais lineares quer em momentos de maior tecnicismo científico.

Num estudo introdutório de cinco capítulos, a autora começa por situar o *Aegidius Scallabitanus* no conjunto da produção bibliográfica de André de Resende. Reflecte sobre as razões do interesse e originalidade do texto resendiano, apresenta os interlocutores do diálogo e procura datá-lo com precisão, não sem apontar já para as vicissitudes históricas da transmissão do texto até aos nossos dias (pp. 19-64). O Capítulo II oferece ao livro um substancial suporte teórico, já que a autora reflecte sobre os antecedentes clássicos, helenísticos e cristãos do diálogo hagiográfico de André de Resende (pp. 65-86). Mas a análise deste capítulo versa também sobre a sua composição literária, sobre aspectos como espaço, tempo e interlocutores, e ainda aspectos como a *inuentio* e a *dispositio* do diálogo, em função dos quais a autora trata separadamente cada um dos quatro livros que compõem a obra (pp. 86-108). Um terceiro capítulo é dedicado ao estudo das fontes e dos epígonos de André de Resende no que respeita ao tratamento da narrativa biográfica de Frei Gil: desde a *Vita* ducentista, até à obra de Frei Luís de Sousa, entre outros, considerando também o conhecimento de outras fontes não declaradas pelo autor, como a *Vida de Sam Frei Gil*, publicada em 1552.

O Capítulo IV é o mais longo e certamente o mais interessante do ponto de vista da exegese histórico-literária, pois nele a autora ocupa-se precisamente da abundância humanística do texto, das suas numerosas digressões e reflexões críticas, possibilitadas pelo género dialógico preferido pelo autor, mas omitidas pela tradição manuscrita do texto. Em tais digressões, cujos temas já referi, as matérias mais interessantes são as que se prendem com questões de natureza filológica, que a autora comenta atentamente, (como a busca da *uerborum proprietates*, característica de quem teve uma formação clássica exigente), mas também questões históricas e teológicas, de livre exame religioso, que têm o interesse de terem sido produzidas no universo pós-tridentino, de grande sensibilidade crítica.

Finalmente, no capítulo V, elaborado com extremo rigor e precisão, a autora expõe os problemas relacionados com a transmissão do texto, realizada através de duas tradições distintas (desde o original resendiano até às edições quinhentistas, por um lado, e até aos diversos manuscritos dominicanos, por outro). Num e noutro caso o texto original foi na verdade alvo de várias atitudes censórias, as quais a autora se propõe superar.

Texto e tradução, dispostos face a face para maior comodidade do leitor, e um conjunto valiosos de notas de carácter histórico-literário ocupam a última parte do livro, que inclui também extensa bibliografia e um índice antroponímico de grande utilidade.

Para terminar, cito a apreciação que do presente livro fez A. Costa Ramalho, ao redigir o Prefácio: “O *Aegidius Scallabitanus* de Resende (...) é da maior importância para o conhecimento da mentalidade do seu autor, amadurecido pelos anos e pela experiência da vida. (...) Com este estudo [a autora] ficará de certo consagrada inter-

nacionalmente como um dos melhores especialistas da figura e da obra daquele que é, fora de dúvida, um dos principais humanistas portugueses, se não o principal” (p. 11).

Margarida Miranda

GREGORY, Brad S., *Salvation at stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England 1999, (528 p).

Vencedor do prémio anual *Thomas J. Wilson* de 1999, este livro faz pela primeira vez um estudo comparativo do fenómeno do martírio nas lutas religiosas da Europa do séc. XVI.

Com esta obra, o autor pretende fazer um estudo histórico do martírio para um conhecimento mais profundo da Europa no começo da modernidade, mas a sua abordagem, pela própria natureza do fenómeno que observa, acaba por contribuir para o estudo das questões religiosas que dividiram as nações da Europa e que estiveram na origem e formação da identidade das várias confissões cristãs do Ocidente.

Depois de nos apresentar o tema na sua complexidade, e de justificar a sua metodologia no capítulo primeiro, o historiador dedica o segundo ao que chama ‘A herança da Idade Média Tardia’: o valor dado ao sofrimento e à paciência e a sua relação com a Paixão de Cristo, central na *devotio moderna*, e ainda alguns casos de martírio nesta época. Os capítulos terceiro e quarto são dedicados respectivamente aos perseguidores e aos perseguidos (mártires). O capítulo quinto estuda o martírio entre os protestantes, as suas razões e ideais, o seu martirologio, os seus contextos nacionais. O sexto capítulo, Gregory dedica-o ao martírio entre os anabaptistas, a formação de uma mentalidade martiroológica nesta confissão directamente herdeira da Idade Média tardia e as suas circunstâncias específicas, perseguida por protestantes e por católicos. O capítulo número sete é dedicado ao martírio entre os católicos romanos, a sua ‘paixão pela paixão’ e o lugar dos mártires na vida espiritual dos católicos. Finalmente, e antes da conclusão, Brad Gregory dedica o capítulo oitavo às divergências profundas entre os três grupos e à controvérsia religiosa. Dando todos eles elevado valor ao martírio, estimavam e louvavam os ‘seus’ mártires, os ‘verdadeiros’, por oposição aos ‘falsos mártires’, classificados com base no critério doutrinário.

Para Gregory é impossível fazer a história social do início da modernidade europeia negligenciando os domínios doutrinário e espiritual da vida humana, pois os líderes espirituais, os teólogos, os pregadores, os pastores, não foram uma elite intelectual de importância marginal, mas antes influenciaram profundamente as suas sociedades e culturas, e essa influência perdurou, deixando marcas na história do Ocidente. Só pela integração das duas aproximações, social e teológica, do fenómeno, é possível considerar o impacto dessas figuras cuja influência é inegável. Por esta